

---

---

## Notas Bibliográficas

VERMES, Geza: *The Changing Faces of Jesus*. London: Penguin Books, 2001. 306 pp., 13 X 20 cm. ISBN 0-14-026524-4.

Este livro é indispensável para o diálogo do cristianismo com o judaísmo na presente situação, ainda mais porque a ambígua e desastrosa política de “líderes” cristãos como Bush e judeus como Sharon está azedando as tentativas de diálogo da parte dos “hassidim” de ambas as religiões.

G. Vermes despertou o mundo com seu livrinho “Jesus the Jew” (1973: trad. bras. *Jesus, o judeu*. São Paulo: Loyola; cf. também *Jesus e o mundo do judaísmo*, da mesma editora), e se movimentou na linha do diálogo judaico e cristão ao lado de outros famosos judeus como Martin Buber, Joseph Klausner, Pinhas Lapide, J. P. Sanders, e.o. Há quem o acuse de querer fazer reentrar Jesus no judaísmo. Como judeu, ele tem todo o direito de fazer isso. E aí surge a questão do método. É o método do descascar. Não sem suscitar lágrimas, Vermes descasca primeiro as camadas mais “helenizadas” do Novo Testamento, João e Paulo, para depois se dedicar ao Jesus dos sinóticos (e da “Quelle”) e, finalmente, ao Jesus real, que é o judeu. O Jesus sábio e taumaturgo, que passou fazendo o bem, anunciava o Reino de Deus como iminente e já em ação, e cuja atuação “hassídica” em Jerusalém foi julgada perigosa pelas ambíguas autoridades judaicas, que entregaram o caso como “razão de Estado” ao governador romano...

Espero que algum dia o livro seja traduzido em português, para então entrar numa discussão mais a fundo, sobretudo quanto à “neutralização” da interpretação judeu-helenista de Paulo e principalmente João.

JK

DAVEY, Andrew: *Cristianismo urbano y globalización: recursos teológicos para un futuro urbano*. Tradução do original inglês de 2001 por José Pedro Tosaus Abadía. Santander: Sal Terrae, 2003. 183 pp., 21 X 13,5 cm. Coleção Presencia Teológica, 128. ISBN 84-293-1497-0.

O A. é um pastor anglicano, pároco no centro de Londres. Une no livro a experiência pastoral numa cidade complexa e difícil, como Londres, com bom nível de informação sobre a cidade, haurida especialmente nos estudos de urbanólogos, relatórios da ONU e de organizações internacionais por ocasião de simpósios sobre o mundo urbano. A parte teológica, propriamente dita, é bem resumida. Refere-se a passagens da Escritura sobre a cidade e à prática de Jesus, resgatando de suas parábolas os elementos urbanos presentes.

Aproveita-se de estudos arqueológicos do tempo de Jesus, salientando a experiência urbana de Jesus.

As indicações pastorais vão na linha de captar e articular com o local da cidade a teia de redes globais. A cidade é o entroncamento entre o local e o global. Ele usa a expressão *glocalização*, para significar precisamente esse envolvimento de uma cidade grande com o mundo globalizado. Este é um fenômeno característico da grande cidade e aí se processa a evangelização.

O livro dedica páginas ao esclarecimento de termos. O conceito urbano deixa-se definir a partir de diversos pontos de vista. Sob o aspecto de número de habitantes, os critérios são variáveis. Na Islândia, considera-se população urbana a que tem algumas centenas de pessoas, na Irlanda fala-se 1.500 pessoas, enquanto na Malásia o número já é de 10.000. Acrescentam-se critérios adicionais: a maioria dos habitantes tem atividades não agropecuárias, a densidade populacional é de mais de 400 habitantes por km<sup>2</sup>, a existência de um grau básico de governo municipal.

Ampliando o conceito de urbano, refere-se às “pegadas da cidade” ou pegada ecológica. É a área afetada pela existência da cidade, ligada, por ex., à alimentação, água, eletricidade, efeito poluidor das indústrias, transporte, etc. Diz que as pegadas de Londres, isto é a repercussão dos 7 milhões de londrinos sobre o meio ambiente, alcançam 125 vezes a superfície da cidade e equivalem ao total da terra produtiva da Grã-Bretanha.

A experiência urbana não é mera questão estatística. Ela é influenciada pelos poderes globais da mídia, das comunicações, da economia, da política que procedem das cidades. Os distintos objetos culturais da cidade movem-se livremente na cidade e nas áreas rurais.

O A. trabalha outros conceitos do mesmo universo semântico. A urbanização é o fenômeno segundo o qual os assentamentos crescem e se desenvolvem, afetando diferentes âmbitos de uma sociedade, em velocidade e maneiras variados. Urbanismo já é a repercussão cultural do urbano. A cultura da cidade é híbrida, amálgama de múltiplas formas, valores e estilos de vida.

Define a globalização como amálgama das forças mais importantes que configuram atualmente as áreas urbanas e as todo o mundo, exercendo influência sem precedentes por meio de inúmeros projetos e práticas sociais, econômicas e políticas. Definição bastante vaga, mas suficiente para dar-mo-nos conta de sua relevância.

A globalização produz na coletividade urbana dois processos: deslocalização e glocalização. O primeiro desenraíza atividades e relações de qualquer sentido de lugar, deslocando as que se poderiam considerar locais para dentro de novas organizações distantes e globais. Por exemplo: pode-se comprar um bilhete para uma linha aérea britânica na Índia. A glocalização é a afirmação do local dentro do processo de globalização. Ainda que a produção tenda à deslocalização, os mercados são locais e os produtos se adaptam às circunstâncias locais, seja culturais, seja climáticas ou outras. Essa glocalização pode levar ao redescobrimto da identidade ou ao significado local de um contexto global.

O livro trabalha autores renomados como M. Castells, a japonesa Saskia Sassen, A. Giddens, D. Harvey, L. Sandercock e outros muitos. O A. conhece também teólogos católicos da América Latina da linha da libertação aos quais se refere em atitude de abertura.

JBL

RIEUF-GARDIN, Inès / MOOG, François: *Sur la piste des religions: une enquête de Théophile = L'atelier des religions*. Paris: De l'Atelier/ Les Éditions ouvrières, 2002. 120 pp., 27 X 19,5 cm. ISBN 2-7082-3627-X.

O livro insere-se numa coleção de obras propostas aos jovens em que o conhecimento das religiões é uma chave para aprender a viver junto. O livro estuda várias religiões: judaísmo, cristianismo, islã, religiões orientais. Os AA. criaram um personagem chamado Teófilo que se engaja num giro, escondidamente, de inspecção da escola no final das classes. Anotava no seu caderno o que observava. O livro é redigido a modo de um pequeno romance policial em que o protagonista Teófilo e outros colegas pesquisam o mundo das religiões. O livro contém desenhos a serem cortados, gráficos e espaços em branco a serem preenchidos. Transcreve orações e dados concretos de cada religião de modo que se aprendem visualmente elementos fundamentais das religiões estudadas. Artificio didático excelente. É um texto bonito graficamente. Bem colorido. Agradável de manusear. O livro serve de inspiração para livros didáticos religiosos onde se aprende de modo agradável, visual e atraente.

JBL

CASSARINI, Davide: *Elementi di Teologia Fondamentale = Teologia e Istrumenti*. Assis: Cittadella, 2003. 317 pp., 21,5 X 15 cm. ISBN 88-308-0745-1.

O A. vem do mundo das letras modernas, em cujo campo se doutorou na Universidade de Bolonha. Licenciou-se em teologia da evangelização no Instituto Teológico Acadêmico de Bolonha e ensina teologia fundamental (TF). O livro se situa nessa área.

A estrutura é de um clássico manual de TF. Nele encontramos um breve histórico da apologética desde o Novo Testamento com o conhecido texto de 1Pd 3,15 passando por S. Justino e atravessando a Idade Média com Santo Tomás até a chegar à apologética clássica que se configurou nos últimos séculos com as três demonstrações: religiosa, cristã e eclesial. Entrando em crise no século XX, deu lugar ao que hoje chamamos de TF. O A. cita R. Latourelle, um dos maiores teólogos desse ramo renovado, para chamar a atenção sobre a perplexidade da própria natureza da TF.

Na esteira da virada antropocêntrica, o livro começa com as inquietudes das pessoas de hoje. Como o A. tem uma formação especializada em Letras, o texto ganhou muito com as referências literárias a vários escritores recentes, captando neles a angústia existencial do homem de hoje com o coração inqui-

eto. O capítulo primeiro é a pergunta da inquietude humana. Os seguintes são a resposta da revelação. O tema da revelação começa com considerações sobre a fenomenologia religiosa para em seguida traçar-lhe o percurso desde a Escritura passando pelos ensinamentos dos Concílios Vaticanos I e II até uma reflexão sobre a teologia natural.

O capítulo seguinte detém-se na questão da fé. Mesmo método. A fé na Escritura, na reflexão do Magistério, na reflexão filosófico-teológica sob o aspecto de sua relação com a razão, seguindo a conhecida distinção *fides quae* e *fides qua*, dedica um longo parágrafo a cada uma delas. A *fides quae* merece mais relevo, sendo estudada nas fontes e na reflexão teológica posterior. A *fides qua* é analisada sob o ângulo de ato livre e existencial do sujeito que crê.

Todo um capítulo é dedicado a Cristo, como centro da fé por meio de sua vida, morte e ressurreição. Uma breve introdução trata das discussões sobre a historicidade dos evangelhos desde o iluminismo até os pós-bultmanianos. A figura de Cristo, testemunha principal da revelação, é trabalhada sob a perspectiva do Jesus de Nazaré que prega o Reino de Deus, do Filho do homem que se entrega na cruz e do ressuscitado com suas aparições.

A temática da Igreja ocupa dois capítulos. Um relaciona-a com o seu nascimento a partir do anúncio do Reino de Deus por Jesus. O primado e a questão da infalibilidade recebem destaque. E no outro capítulo, a Igreja é vista na sua função salvífica e nas suas relações com as outras igrejas cristãs, com Israel e com as outras religiões nas pegadas do Concílio Vaticano II.

Fazendo jus a sua especialização em evangelização, sobre cujo assunto o A. fez sua tese de doutorado, termina o livro com um capítulo sobre a evangelização no mundo moderno. É um tema que vem sendo ultimamente considerado pela TF.

O livro é claro, didático, sem muitas novidades. Tem um caráter de atualidade e reforça a importância que a TF vem assumindo nos últimos tempos.

JBL

FAKRE, Gabriel: *The Doctrine of Revelation: A Narrative Interpretation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997. 230 pp., 23,3 X 15,5 cm. ISBN 0-7486-0880-X.

O A. é professor de teologia cristã junto à Escola Teológica Andover Newton em Massachusetts. O livro faz parte de uma coleção sob a epígrafe Constructive Theology. A obra é uma pesquisa sobre as compreensões de revelação que subjazem aos movimentos teológicos do momento. Diante de quatro ingredientes – autoridade, luz interna, razão e Escritura autoevidente – um caminho para elucidar o conceito de revelação é perguntar-se pela sua presença nos conceitos de revelação. Outro caminho é a teologia narrativa. Muitas razões de caráter da cultura atual abonam o uso da narrativa. A Escritura está cheia de narrativas. O A. recolhe vozes de muitas crenças religiosas que atestam a relevância da narrativa. Elucida no início em que sentido ele toma o termo narrativa. Não relacionado, antes de tudo e principalmente, com a forma literária, mas com o conteúdo teológico.

A doutrina da revelação desenvolvida nessa obra reconta a história com um olhar voltado para as manifestações reveladoras nas ações reconciliadoras. Vê a revelação como uma Grande Narrativa que não exclui nem se restringe a alguma fase ou capítulo. Na elaboração desse escrito, o A. atende especialmente à obra de quatro grandes figuras teológicas: K. Barth, K. Rahner, Paul Tillich and Carl Henry. Ele expõe no início o conceito de revelação em articulação com realidades próximas. Ela é narrativo-específica, a história da autocomunicação do Deus trino, o Dom do conhecimento de Deus dado na história de Deus com e para os seres humanos. A questão da autoridade entende a Escritura como fonte, a Igreja com a Tradição como refontização e o mundo da experiência humana para além de seus limites como a recepção.

Depois de um prólogo em que apresenta Deus como a fonte trinitária da comunicação, trabalha o tema da revelação em três partes. Uma primeira trata da Revelação geral. A criação convida todos a conhecerem a Deus. Depois vêm os momentos da queda e da aliança com Noé: a graça da preservação. A revelação particular concentra-se na aliança com Israel, em Jesus Cristo e na Escritura inspirada. Num terceiro momento, a Revelação é vista como recepção em três fases. A Igreja como iluminação eclesial, a salvação como iluminação pessoal e a consumação como iluminação escatológica. O epílogo fala de Deus, o revelador revelado.

Trabalho sério, bem elaborado, com perspectivas perspicazes. Facilita entrar nesse enorme *mare magnum* da teologia fundamental. Traz elementos novos para situá-la, articulando as relações no interior da autoridade: Escritura, Igreja e experiência.

JBL

BRAKEMEIER, Gottfried: *A autoridade da Bíblia: controvérsias - significado - fundamento*. São Leopoldo: Sinodal, Centro de Estudos Bíblicos, 2003. 92 pp., ISBN 85-233-0716-8.

“Não pode haver moratória bíblica na cristandade” (contracapa). “A Bíblia não se satisfaz em ser simples objeto de estudo. Quer ser parceira ativa num processo de aprendizagem em que Deus e o mundo estão em jogo” (introdução, p. 6).

O livro de 14 breves capítulos que G. Brakemeier nos apresenta pode ser considerado uma obra de teologia fundamental, focalizando a leitura da Bíblia dentro da tradição cristã (no sentido ecumênico) e dentro do universo das religiões. Nos primeiros capítulos, fala das controvérsias em torno da Bíblia, de suas origens históricas, da natureza da Bíblia e da peculiaridade de seu conteúdo. Depois, aborda questões “quentes”: o aparente *deficit* normativo da Bíblia e o conceito da inspiração.

A segunda metade do livro descreve os métodos de leitura da Bíblia desde Lutero até nossos dias, com uma atenção especial para a leitura na perspectiva da práxis na América Latina. Neste conjunto é tratado o surgimento dos

métodos críticos e, de passagem, a questão da desmitologização (R. Bultmann). Eu concordo com o autor que essa questão não pode ser considerada água passada: embora superada em muitos pontos, este programa “confronta a teologia com perguntas relevantes ainda hoje” (p. 48).

Os últimos capítulos completam o quadro, de maneira muito feliz, com reflexões de extrema atualidade: a interpretação da Bíblia “em Jesus”, autoridade causativa e autoridade normativa, Bíblia e ecumene, Bíblia em tempos de globalização. “A Bíblia entrou na disputa inter-religiosa do mundo globalizado. Deixou de ser autoridade inquestionada, natural. Deve ‘trabalhar’ para convencer. Pois o mercado exige competitividade, argumento, ‘publicidade’” (p. 84). Neste contexto, a Bíblia não é mais vista como normativa, mas como descritiva. Prescindindo do aspecto negativo de certa comercialização, esta nova abordagem mostra que a Bíblia se comunica por sua força *cultural* muito além de seu contexto de origem ou de transmissão eclesial. Causa uma sensação de estranheza e de familiaridade. Daí algumas orientações: é preciso salientar os pressupostos culturais, políticos etc. na origem da Bíblia. Ela é palavra de Deus de modo indireto, e justamente como discurso humano a respeito de Deus é que ela se qualifica como parceira do diálogo inter-religioso. É assim que ela lança sua proposta: em meio ao “politeísmo” reinante na humanidade, a voz bíblica fala de vida e morte, história e libertação, opondo-se à privatização da religião. Por isso, não se podem separar exegese histórica e teologia, e a tarefa de uma visão sintética, na herança das “teologias bíblicas”, continua necessária, tanto em vista das religiões quanto do mundo secularizado e pretensamente a-religioso: “A Bíblia se oferece como parceira de diálogo também para ‘credos a-religiosos’” (p. 89). Sendo antes sabedoria que ciência, ela aponta o universal, aquilo que une as pessoas, a convivência sustentável, cria nas pessoas, mesmo fora da pertença confessional, um novo “espírito”. Mas exige estudo: “para descobrir o tesouro escondido, é necessário lavar o campo” (p. 90).

Nesta breve apresentação descobrem-se alguns alvos do autor: o fundamentalismo, a religiosidade *light* etc.

As notas de rodapé contêm riquíssimas orientações bibliográficas. Seria muito útil se a próxima edição incluísse um índice remissivo dos autores referenciados. E, humildemente, peço que seja atualizada a referência à minha obra (p. 7, nota 1), que já não se chama *A Bíblia, sua história e leitura*, e sim: *A Bíblia nas suas origens e hoje* (4ª ed., Petrópolis: Vozes, 2003).

JK